

RELAÇÕES RETÓRICAS E A HIPOTAXE ADVERBIAL NO GÊNERO RESPOSTA ARGUMENTATIVA

Fátima Christina CALICCHIO

Unicesumar

Resumo: Propomos, neste trabalho, analisar como a hipotaxe adverbial pode contribuir para a construção da argumentatividade do gênero resposta argumentativa. Para isso, selecionamos como objeto de análise as produções textuais que foram mais bem avaliadas pela Banca de Avaliação dos candidatos ao vestibular de verão 2011 da Universidade Estadual de Maringá. Levando em consideração o panorama teórico do funcionalismo, investigam-se neste trabalho as funções textual-discursivas das orações adverbiais que funcionam como valor de guia, ponte de transição, moldura, foco, função tópica dentre outras funções na articulação de orações que podem contribuir para a construção da argumentatividade do gênero resposta argumentativa. Como aporte teórico, aliamos estudos de funcionalistas como Mann & Thompson (1988); Matthiessen & Thompson (1988), da Teoria da Estrutura Retórica. De acordo com essa teoria, as relações retóricas dão coerência ao discurso, conferindo unidade e permitindo que o produtor atinja seus propósitos com o texto que produziu, ou seja, essa teoria fundamenta-se no princípio de que, no texto, além do conteúdo explícito, emergem proposições implícitas da combinação entre porções de texto. Somam-se a esse enfoque as pesquisas de Decat (1999, 2008, 2009, 2010), de Neves (1997, 2000, entre outros) e as postulações sobre gênero defendidas por Bakhtin (2000).

Palavras-chave: Hipotaxe adverbial. Função textual-discursiva. Gênero Resposta Argumentativa.

THE RHETORICAL RELATIONS AND ADVERBIAL CLAUSES ON THE ARGUMENTATIVE ANSWER GENRE

Abstract: We aim in this paper to analyze how adverbial hypotaxis can contribute to the construction of argumentativeness of argumentative answer genre. We selected as the object of analysis the textual productions that were further evaluated by the examining board of candidates for the entrance exam of Summer 2011, State University of Maringa. Considering the theoretical panorama, of the functionalism, are investigated in this work the textual-discursive functions of adverbial clauses that function as guide value, transitional bridge, frame, focus, topical function among other functions in conjunction clauses that can contribute to the construction of argumentativeness genre of argumentative response. As a theoretical contribution, we combine studies of functionalist as Mann & Thompson (1988); Matthiessen & Thompson (1988) Rhetorical Structure Theory – RST, According to this theory, the rhetorical relations give coherence to the discourse, giving unity and allowing the producer to achieve its

purposes with the text produced, that is, the theory is based on the principle that in the text, in addition to the explicit content, implied propositions emerge from the combination of text portions. Added to this approach: studies of Decat (1999, 2008, 2009, 2010), Neves (1999, 2000, and others) and postulations about genre according to the view of Bakhtin (2000).

Keywords: hypotaxis adverbial. Textual-discursive function. Argumentative Answer Genre.

RELACIONES RETÓRICAS Y LA HIPOTAXIS ADVERBIAL EN EL GÉNERO RESPUESTA ARGUMENTATIVA

Resumen: Proponemos, en este trabajo, analizar como la hipotaxis adverbial puede contribuir para la construcción de la fuerza argumentativa del género respuesta argumentativa. Para eso, seleccionamos como objeto de análisis las producciones textuales que fueron mejor evaluadas por la Comisión de Evaluación de los candidatos a la selectividad de verano de 2011 de la Universidad Estadual de Maringá. Tomando en consideración el panorama teórico del funcionalismo, se investigan en este trabajo las funciones textuales discursivas de las oraciones adverbiales que ejercen la función de valor de guía, puente de transición, moldura, foco, función tópica, entre otras funciones en la articulación de oraciones que pueden contribuir para la construcción de la fuerza argumentativa del género respuesta argumentativa. Como aporte teórico, aliamos estudios de funcionalistas como *Mann & Thompson* (1988); *Matthiessen & Thompson* (1988), de la Teoría de la Estructura Retórica. De acuerdo con esa teoría, las relaciones retóricas dan coherencia al discurso, confirmando unidad y permitiendo que el productor alcance sus propósitos con el texto que produjo, o sea, esa teoría se fundamenta en el principio de que, en el texto, además del contenido explícito, emergen proposiciones implícitas de la combinación entre porciones del texto. Se suman a ese enfoque las investigaciones de *Decat* (1999, 2008, 2009, 2010), de *Neves* (1997, 2000, entre otros) y las postulaciones sobre género defendidas por *Bakhtin* (2000).

Palabras clave: Hipotaxis adverbial. Función textual discursiva. Género Respuesta Argumentativa.

INTRODUÇÃO

Na atualidade, a caracterização dos gêneros textuais tem sido objeto de estudo das análises linguísticas, preocupadas com o aspecto da interação social da linguagem que se estabelece entre os participantes de um evento comunicativo. Entretanto, observa-se que esses estudos sobre os gêneros privilegiam sua função social, relegando os recursos gramaticais ao segundo plano. Nesse sentido, considerando que a língua é um instrumento que se presta à interação social e que a descrição de seu funcionamento pode revelar muito a respeito do contexto comunicativo em que é utilizada, objetivamos, de uma maneira geral, investigar se a função textual-discursiva das orações adverbiais¹ presentes na articulação de

21

orações pode contribuir para a construção da argumentatividade do gênero resposta argumentativa.

Consoante à abordagem funcionalista da linguagem, o presente trabalho parte da hipótese de que a função textual-discursiva está na base do uso das orações adverbiais¹, ao exibir não só relações semânticas como tempo, modo, causa/motivo, concessão, condição etc., mas também funções textual-discursivas que podem propiciar o entendimento da intenção do usuário da língua ao fazer as combinações entre as orações na organização do texto (DECAT, 2009, p. 116).

Para Decat (2009), a combinação de orações não se dá necessariamente entre cláusulas adjacentes, por exemplo, uma cláusula adverbial pode estar relacionada com outra bem anterior no texto, ou se relacionar com o discurso subsequente, à maneira de “guias” ou *guidepost* nos termos de Chafe (1984). Ainda de acordo com Decat (2009), as orações adverbiais são opções organizacionais, termo utilizado por Matthiessen & Thompson (1988) para diferenciar essas das orações encaixadas, isto é, essa autora defende que a hipotaxe adverbial funciona como opções organizacionais do texto, uma vez que o uso delas depende dos objetivos comunicativos do produtor do texto. Assim, a partir das intenções comunicativas do falante, será determinada a função textual-discursiva da hipotaxe adverbial.

De uma maneira específica, objetiva-se verificar qual a função textual-discursiva desempenhada pela hipotaxe adverbial no gênero resposta argumentativa. Portanto, esta pesquisa justifica-se pelo interesse em evidenciar a importância de estudos que se preocupem com os processos de articulação de orações², considerando o contexto de uso: como o papel do usuário da língua na organização de seu discurso e sua intenção comunicativa, isto é, a partir de um olhar funcionalista, esta pesquisa contemplará, em suas análises, além do nível sintático, o contexto, bem como critérios semânticos e pragmáticos³.

¹ De agora em diante, o termo hipotaxe adverbial fará referência às tradicionais orações subordinadas adverbiais, assim como considerou Decat (1999).

² Nesta pesquisa, entendemos articulação de orações como a forma com que o usuário combina ou articula as orações no português em uso.

³ Neste estudo, tomamos a pragmática como a teoria do uso linguístico, isto é, teoria que reconhece o uso da língua e o modo como ela é empregada na interação verbal, não estabelecendo a dicotomia entre o que é interno e externo à língua (MARTELOTTA, 2009).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O funcionalismo é uma corrente linguística que leva em conta fatores interacionais e pragmáticos⁴. Essa abordagem surgiu como um movimento particular dentro do Estruturalismo Linguístico, enfatizando a função das unidades linguísticas: o papel dos fonemas, o papel da sintaxe e o papel da estrutura da sentença no contexto.

A origem do funcionalismo, segundo Martelotta (2009), atribui-se aos membros da Escola de Praga, especificamente do Círculo Linguístico de Praga, fundado em 1926 pelo linguista Mathesius, no qual se destacaram, como principais representantes, Nikolaj Trubetzkoy e Roman Jakobson. Esses linguistas se opunham ao ponto de vista saussuriano, com relação à distinção entre sincronia e diacronia, bem como à homogeneidade do sistema linguístico.

As teorias funcionalistas defendem que a língua sofre influência de fatores extralinguísticos, isto é, defendem a concepção de que a sintaxe não é autônoma em relação à semântica e à pragmática (BUTLER, 2005). Em consonância com o que afirma Butler (2005), Antonio (2009) ressalta que, no paradigma funcional, as expressões linguísticas não são estudadas isoladamente, mas levam em conta os propósitos para os quais foram utilizadas nos textos em que ocorrem.

Para Neves (2010), o funcionalismo é uma teoria que se liga aos fins a que servem as unidades linguísticas, isto é, para a abordagem funcionalista, o estudo da língua está relacionado ao evento comunicativo, uma vez que sua organização linguística envolve, de acordo com os estudiosos do funcionalismo, aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos. Dessa forma, a corrente funcionalista tem em comum entre seus estudos sobre a linguagem não apenas a integração dos componentes linguísticos, mas também o reconhecimento de análises que levam em consideração o discurso em seu uso efetivo no evento comunicativo.

⁴ São os fatores extralinguísticos de uso social da língua como: contexto situacional, os participantes da cena comunicativa, o conhecimento das normas e convenções linguísticas e sociais pertinentes ao contexto em questão, a atribuição de papéis e as funções de cada um dos envolvidos (MARTELOTTA, 2009, p. 90).

TEORIA DA ESTRUTURA RETÓRICA (RHETORICAL STRUCTURE THEORY – RST)

Neste trabalho, pretendemos relacionar o fenômeno gramatical da articulação de orações à estrutura organizacional do texto. Por sua vez, a análise das ocorrências das redações que integram nosso corpus leva em conta as relações estabelecidas entre as porções do texto, bem como a função das porções do texto com os objetivos discursivos. Assim,

[...] embora as proposições relacionais se desenvolvam, em algum sentido, expandindo limites internos do texto, sendo inerentemente combinacionais, elas fazem mais do que simplesmente relacionar partes do texto. Isto é, elas não tratam somente de adjacência, precedência textual, limites das partes do texto, ou outras questões que poderiam ser derivadas da contribuição das partes. No lugar disso, expressam a ideia essencial (MANN; THOMPSON, 1983, p.16, tradução nossa⁵)

Matthiessen e Thompson (1988) propõem que não há como analisar as orações sem observar também os fatores pragmáticos, isto é, a consideração dos falantes vinculados a um contexto de uso. Por esse viés, torna-se relevante analisar a hipotaxe adverbial, observando as relações que emergem das orações que se articulam. Nesse sentido, para que possamos oferecer uma alternativa sobre o estudo da articulação de orações, especificamente da hipotaxe adverbial e sua função textual-discursiva, e das ações que se realizam na organização do texto, adotamos a Teoria da Estrutura Retórica (RST, de agora em diante), que possibilita descrever, caracterizar e analisar a organização textual.

De acordo com Mann e Thompson (1988); Matthiessen e Thompson (1988); Mann, Matthiessen e Thompson (1992), a RST é uma teoria descritiva que tem por objetivo o estudo da organização dos textos, caracterizando as relações que se estabelecem entre as partes do texto. Segundo a RST, além do conteúdo proposicional explícito veiculado pelas orações de um texto, há proposições implícitas, chamadas proposições relacionais, que surgem das relações que se estabelecem entre porções do texto. Conforme os estudiosos da RST, as proposições

⁵ “[...] even though the relational propositions arise in some sense spanning internal boundaries of a text, being inherently combinational, they do more than simply relate parts of text. That is, they do not simply deal with adjacency, textual precedence, boundaries of parts of text, or other matters which might be derived from the contributing parts. Instead, they convey essential subject matter.”

relacionais dão coerência ao texto, conferindo unidade e permitindo que o produtor atinja seus propósitos com o texto que produziu.

OS TIPOS DE RELAÇÕES E SUAS DEFINIÇÕES

De acordo com a RST, uma lista de vinte e cinco relações⁶ foi estabelecida por Mann e Thompson (1988), após a análise de centenas de textos, por meio dessa teoria. Essa lista não representa um rol fechado, mas um grupo de relações suficientes para descrever a maioria dos textos. Mann e Thompson (1988) apresentam a seguinte divisão para as funções globais das relações: a) Funções que dizem respeito ao assunto, que têm como efeito levar o enunciatário a reconhecer a relação em questão: elaboração, circunstância, solução, causa volitiva, resultado volitivo, causa não volitiva, resultado não volitivo, propósito, condição, interpretação, meio, avaliação, reafirmação, resumo, sequência, contraste. b) Funções que dizem respeito à apresentação da relação, que têm como efeito aumentar a inclinação do enunciatário a agir de acordo com o conteúdo do núcleo, concordar com o conteúdo do núcleo: apresentação: motivação, antítese, background, competência, evidência, justificativa, concessão, preparação. Segundo os pressupostos teóricos da RST, as porções de um texto se organizam em informações nucleares e informações satélites. A porção núcleo é representada pela letra N e a satélite, pela letra S.

As porções nucleares são responsáveis pelas informações principais e as satélites, consideradas porções acessórias, pois auxiliam na compreensão e na aceitação das informações. Assim, os textos são formados por porções textuais hierarquicamente organizadas entre si, e as relações que se estabelecem podem ser de 2 tipos:

- a) Relações núcleo-satélite: uma porção do texto (satélite) é ancilar da outra (núcleo), como na figura I, na qual um arco vai da porção que serve de subsídio para a porção que funciona como núcleo.



Figura I – Esquema de relação núcleo- satélite

⁶ A lista das relações pode ser encontrada no site disponível em: <http://www.sfu.ca/rst/>.

- b) Relações multinucleares: uma porção do texto não é ancilar da outra, sendo cada porção um núcleo distinto, como na figura II.

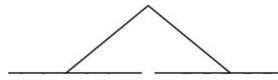


Figura II – Esquema de relação multinuclear

Esses dois esquemas, representados pelas figuras I e II, são padrões propostos pela RST como pré-definidos que especificam de que modo porções do texto se relacionam para formar porções maiores ou o texto todo. Na figura 4, encontram-se os quatro tipos de esquemas possíveis na RST.

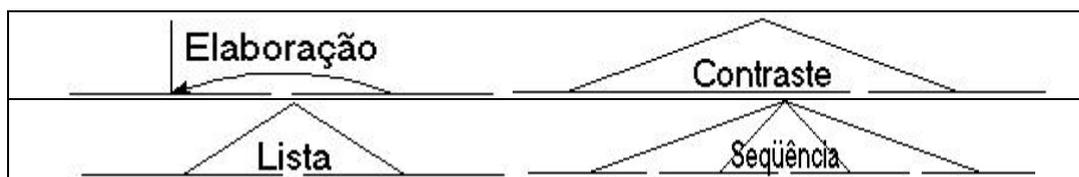


Figura III. Tipos de esquemas utilizados na Teoria da Estrutura Retórica (a. b. c. d.)

A aplicação dos esquemas no texto é determinada por três convenções: (i) a ordem em que aparecem o núcleo e o satélite não é fixa; (ii) em esquemas multirrelacionais, as relações individuais são opcionais, mas pelo menos uma das relações deve ser estabelecida; (iii) uma relação que faz parte de um esquema pode ser aplicada quantas vezes ela for necessária na aplicação do esquema.

Para a RST, o primeiro passo na análise do texto é dividi-lo em porções textuais que podem ser constituídas por orações ou porções maiores de texto. O próximo passo é identificar as relações a partir das seguintes condições: a) Restrições sobre o núcleo; b) Restrições sobre o satélite; c) Restrições sobre a combinação entre o núcleo e o satélite. d) Efeito.

Para identificar as proposições relacionais, o analista baseia-se em julgamentos funcionais e semânticos, que têm como objetivo identificar a função de cada parte do texto e verificar como é produzido o efeito desejado em seu possível receptor. Esse julgamento feito pelo analista é baseado em princípios de plausibilidade, uma vez que ele tem acesso ao texto, tem conhecimento do contexto em que o texto foi produzido, das convenções culturais do produtor do texto e de seus possíveis receptores, porém não tem acesso direto ao produtor do

texto ou aos possíveis receptores, por isso ele não pode afirmar que a análise está correta, pode apenas sugerir uma análise plausível (Mann &Thompson, 1988).

Portanto, ressaltamos que os critérios utilizados na análise do gênero resposta argumentativa dizem respeito a julgamentos funcionais e semânticos que objetivam identificar a função de cada porção textual, bem como perceber o efeito que o texto produz em seu receptor.

Como se observa, para descrever as relações que se estabelecem entre as orações, é determinante considerar a intenção comunicativa do enunciador, assim como a avaliação que este faz do enunciatário. Ao analisarmos a atuação da função-textual discursiva das orações adverbiais, vamos ao encontro da proposta dos estudos da RST, uma vez que essa perspectiva tem seu embasamento na vertente funcionalista, que, além de priorizar a língua em uso, considera o texto objeto de estudo. Reconhecemos, portanto, em nosso trabalho, a relevância da RST à análise da estrutura retórica do gênero resposta argumentativa, ao evidenciar, então, o papel significativo de cada uma das partes coerentes desse gênero.

ARTICULAÇÕES DE ORAÇÕES: A ABORDAGEM TRADICIONAL DA ARTICULAÇÃO DE ORAÇÕES

Nesta seção, cabe revisitar conceitos sobre a articulação de orações do ponto de vista tradicional, entretanto essa revisão não objetiva abarcar todos os teóricos da língua, mas apenas retomar os conceitos de alguns deles, a fim de oferecer uma reflexão para possibilitar um melhor entendimento da proposta que será discutida no decorrer deste estudo que objetiva oferecer novos estudos sobre o processo de articulação de orações.

Na articulação de orações, segundo os conceitos da abordagem tradicional, resultam relações de igualdade sintática ou de dependência sintática, ou seja, relações de coordenação ou de subordinação, respectivamente, em que a coordenação e a subordinação são processos sintáticos analisados dentro do período composto; por sua vez, nesse período, podem ocorrer três tipos básicos de orações: principal, subordinada e coordenada.

Cunha (1972) defende que a coordenação se constitui de orações independentes, ou seja, cada uma tem sentido próprio e não funciona como termos de outra oração, apenas, uma pode enriquecer com o seu sentido a totalidade da outra. “Às orações autônomas dá-se o nome de coordenadas, e o período por elas formado diz-se composto por coordenação.” (CUNHA, 1972, p. 343, grifos do autor).

As orações subordinadas são classificadas como termos essenciais, integrantes ou acessórios de outra oração. Cunha (1972), assim como Rocha Lima (1979), considera os critérios semânticos para conceituar a coordenação e os sintáticos para a subordinação. Segundo esse autor, “no período composto por subordinação, há uma oração principal, que traz presa a si, como dependente, outra ou outras. Dependentes, porque cada uma tem seu papel como um dos termos da oração principal” (ROCHA LIMA, 1979, p. 232).

Ao rever os conceitos de coordenação e de subordinação, Bechara (2006) usa o termo hipotaxe ao tratar da subordinação e a define como um fenômeno de estruturação de camadas gramaticais em que uma das orações passa a funcionar como membro de outra camada inferior e, desse modo, funciona como membro sintático da outra. Assim, segundo esse autor, a hipotaxe

[...] é a propriedade oposta à hipertaxe⁷: consiste na possibilidade de uma correspondente a um estrato superior poder funcionar num estrato inferior, ou em estratos inferiores. É o caso de uma oração passar a funcionar como “membro” de outra oração, particularidade muito conhecida em gramática (BECHARA, 2006, p.47).

Sobre as coordenadas, esse autor explica que são sintaticamente independentes. Conforme Bechara (2006), a parataxe consiste:

[...] na propriedade mediante a qual duas ou mais unidades de um mesmo estrato funcional podem combinar-se nesse mesmo nível para constituir, no mesmo estrato, uma nova unidade suscetível de contrair relações sintagmáticas próprias das unidades simples desse estrato. [...]

⁷ “[...] a hipertaxe é a propriedade pela qual uma unidade de um estrato inferior pode funcionar por si só – isto é, combinando-se com zero - em estratos superiores, podendo chegar até ao estrato do texto e aí opor-se a unidades próprias desse novo estrato. Assim, um monema pode, em princípio, funcionar como palavra; uma palavra como grupo de palavras, e assim sucessivamente.” (BECHARA, 2006, p. 46).

Portanto o que caracteriza a parataxe é a circunstância de que as unidades combinadas são equivalentes do ponto de vista gramatical, isto é, uma não determina a outra, de modo que a unidade resultante da combinação é também gramaticalmente equivalente às unidades combinadas (BECHARA, 2006, p.48).

Interessante é, pois, observar que a abordagem tradicional da articulação de orações baseia-se na classificação das orações de acordo com suas funções sintáticas e semânticas, desconsiderando o componente pragmático; e o estudo limita-se ao nível da frase, isto é, a tradição gramatical apresenta para a descrição do período composto uma visão que considera a noção de dependência ou independência entre suas partes, com conceituações que nem sempre atendem à funcionalidade oracional discursiva.

ABORDAGEM FUNCIONALISTA DA ARTICULAÇÃO DE ORAÇÕES

Para Neves (2010), uma investigação de base funcionalista entra na organização dos enunciados para avaliá-los considerando sempre os componentes sintático, semântico e pragmático. Além disso, para essa autora, a abordagem funcionalista tem como proposta questionar o corte entre as tradicionais categorias subordinação e coordenação. Ainda, conforme Neves (2010),

[...] nesse amplo bloco de construções complexas o termo subordinação não pode ser simplesmente e indiscriminadamente definido como designador de construções em que uma oração exerce função sintática em outra (NEVES, p. 229)

De acordo com a visão dessa autora, pode-se inferir que, dentro do estudo da organização e da articulação de orações com uma perspectiva funcionalista, devem ser levados em conta elementos sintáticos, semânticos e pragmáticos. Assim, a preocupação em descrever a relação entre as orações no nível do discurso⁸, segundo Decat (1999), tem levado estudiosos a abandonar o termo “subordinação” e examinar o fenômeno de combinação ou articulação de orações. Como salienta a autora,

⁸ O termo discurso está sendo tomado aqui “como todo e qualquer produto da atividade de linguagem numa situação real de comunicação” (DECAT, 1995, p. 20).

[...] a sintaxe NO discurso, e não em sentenças isoladas, pode fornecer subsídios para uma melhor compreensão sobre a estrutura do discurso, através da investigação desse aspecto que contribui para a organização discursiva coerente e coesiva, que é a hipotaxe adverbial [...] (DECAT, 1999, p. 300, grifo da autora).

Contribuindo para os estudos funcionalistas a respeito de articulação de orações, destacam-se os estudos de Hopper & Traugott (1993, p. 169), que propõem uma organização tripartida para a combinação de orações: a) Parataxe – independência relativa entre as cláusulas, em que o vínculo das orações depende apenas do sentido, isto é, apresentam dependência semântica; b) Hipotaxe – interdependência entre as cláusulas, sendo uma cláusula núcleo e uma ou mais cláusulas margens, que não podem figurar sozinhas no discurso e, por isso, são relativamente dependentes; c) Subordinação ou encaixamento – total dependência entre as cláusulas em relação ao núcleo. Esse continuum pode ser elaborado por combinações de características como + ou – dependente e + ou – encaixada, conforme se pode observar na figura a seguir, elaborada por Hopper & Traugott (1993) e adaptado de Neves (2002, p.171).

Quadro I. Relações de dependência e encaixamento

Parataxe >	Hipotaxe >	Subordinação
- dependente	+ dependente	+ dependente
- encaixada	- encaixada	+ encaixada

Fonte: HOPPER; TRAUOGOTT, 1993, p. 170

Com base na exposição do quadro 1, nota-se que, na organização de Hopper & Traugott (1993), a subordinação pressupõe dependência e encaixamento; a parataxe caracteriza-se pela não dependência e pelo não encaixamento, e a hipotaxe diferencia-se pela dependência e pelo não encaixamento sintático. Ao se estabelecer esses três tipos de arranjos, redefine-se a terminologia entre as tradicionais subordinação e coordenação. Em estudo anterior ao de Hopper & Traugott (1993), Halliday (1985, p. 373) já apresentava dois sistemas básicos para determinar como as orações se relacionam entre si: (i) o grau de interdependência: hipotaxe e parataxe e (ii) a relação lógico-semântica: por projeção ou por expansão.

Dessa forma, distingue-se a hipotaxe – ou subordinação – da visão tradicional da hipotaxe e da subordinação dentro da visão funcionalista, segundo a qual uma oração

subordinada pressupõe encaixamento sintático em outra, enquanto que na articulação hipotática não há encaixamento ou dependência, mas interdependência sintática.

Assim, esses autores buscam uma interpretação gramatical para a articulação de orações que tenha sentido funcional no discurso. Como se observa, para esses autores, a interdependência entre as orações não estabelece uma relação subordinada, pois uma não é parte da outra e o grau de interdependência também se dá no nível das funções discursivas, pois as relações semânticas dessas orações são relações retóricas que ocorrem entre quaisquer partes de um texto (MATTHIESSEN; THOMPSON, 1988, p. 283)

Desse modo, torna-se relevante, então, empreender uma análise que, além de estar centrada nas relações mantidas entre as cláusulas que se articulam hipoteticamente, faça um exame das funções discursivas a que elas estejam servindo (DECAT,1999, p.310).

Diante do que foi exposto, constatamos que é preciso que se estudem as orações hipotáticas levando em conta as proposições relacionais que emergem de sua articulação no discurso, pois as porções textuais⁹ não se limitam a uma função gramatical, uma vez que há também uma função discursiva. Uma vez apresentada a revisão geral dos processos de articulação de orações sob diferentes perspectivas, daremos início a um breve estudo a respeito da função textual-discursiva da hipotaxe adverbial.

MATERIALIZAÇÃO E FUNÇÕES TEXTUAL-DISCURSIVAS DA HIPOTAXE ADVERBIAL

Interessaram-nos especificamente para o desenvolvimento de nossa pesquisa os estudos de Decat (2009), sobre a função textual-discursiva da hipotaxe adverbial. Essa autora explica que várias são as funções textual-discursivas que estão na base do uso das orações hipotáticas adverbiais, pois, além de exibirem a relação semântica como tempo, modo, causa/motivo, concessão, condição etc., elas exercem funções textual-discursivas como guia, foco, tópico, moldura, ponte de transição, dentre outras, que podem propiciar o entendimento da intenção do usuário da língua ao fazer as combinações entre as orações na organização do texto (DECAT, 2009, p. 116). Essa autora já havia apontado, em Decat (1999) para o fato de que

⁹ Porções de texto maiores do que a oração (MANN; THOMPSON, 1983).

[...] as adverbiais parecem formalmente dependentes, mas têm uma independência organizacional. Ora, isso leva à conclusão de que, se se pensar em termos pragmáticos, todo enunciado é dependente, já que ele requer contexto para a sua interpretação – ou, em outros termos, já que ele é o produto de uma atividade de enunciação. Essa dependência pragmática será, pois, definida em termos do contexto e das relações que nele mantêm as proposições (DECAT, 1999, p. 302)

Para Decat (1999), as orações adverbiais são opções organizacionais, termo utilizado por Matthiessen e Thompson (1988) para diferenciar essas das orações encaixadas, isto é, essa autora defende que as orações adverbiais são opções, pois o uso delas depende dos objetivos comunicativos do produtor do discurso. Assim, a partir das intenções comunicativas do falante é que serão determinadas as funções textual-discursivas.

Ainda de acordo com Decat (2009), a combinação de orações não se dá necessariamente entre cláusulas adjacentes, por exemplo, uma cláusula adverbial pode estar relacionada com outra bem anterior no texto, ou se relacionar com o discurso subsequente, à maneira de “guias” ou guidepost. Sobre esse tema, Chafe (1984), ao utilizar o termo guidepost (guia), sugere que determinadas orações adverbiais presentes em alguns enunciados servem como “guia” para o interlocutor no discurso, sinalizando um caminho de orientação para as informações seguintes.

Decat (2009) explica que a hipotaxe adverbial poderá servir a uma função tópica, funcionando como ponto de partida para a estruturação da informação. Assim a hipotaxe adverbial na combinação entre as porções textuais ao ocorrerem no início, servem a função tópica. Nesse sentido, elas podem evidenciar a intenção do produtor do texto ao construir sua argumentatividade por meio das funções textual-discursivas da hipotaxe adverbial, ao servirem de ponto de partida para a estruturação da informação do que vem expresso na porção nuclear. São comuns, nessa função tópica, a hipotaxe adverbial de condição, de motivo e de tempo.

Decat (2009) ressalta que, por razões pragmáticas, o produtor pode desconsiderar o posicionamento de uma oração ao atribuir foco a determinada porção textual; a hipotaxe

adverbial pode constituir, nesse sentido, uma forma de avaliação por parte do falante/produzidor sobre o que vem expresso na porção do núcleo, em especial, quando posposta a esse núcleo.

Essa autora defende que a hipotaxe adverbial concessiva sustentada pela relação tese-antítese contribui para a argumentação do discurso e, por meio dessa articulação de orações, o falante pode fazer uma avaliação sobre o que vem expresso na porção central.

Assim como Decat (2009), Neves (2000) também constatou a função discursiva da hipotaxe adverbial a exemplo das concessivas, em que essas construções são essencialmente argumentativas; e, para essa autora, a ordem das construções concessivas obedece aos propósitos comunicativos:

Vistas de um ponto de vista pragmático, as concessivas indicam que o falante pressupõe uma objeção à sua asserção, mas que a objeção é por ele refutada, prevalecendo a sua asserção. O que está implicado, aí, é que, nas construções concessivas – como nas condicionais – existe uma hipótese, que, no caso das concessivas, é a hipótese de objeção por parte do interlocutor (NEVES, 2000, p. 874).

De acordo com essa autora, as concessivas antepostas carregam informação mais conhecida do interlocutor, isto é, essas orações ocupam uma posição mais tópica. Nesse sentido, a autora remete ao posicionamento de Givón (1995), em que a hipotaxe, quando posposta à oração-núcleo, codifica informação nova. Para esse autor, no geral, os efeitos da posição da oração do tipo adverbial em relação à nuclear (anteposta, intercalada, posposta) se inserem no domínio pragmático discursivo servindo a uma função de ponte de transição.

Assim, “toda oração apresenta algum tipo de dependência semântico-pragmática e gramatical em relação ao contexto imediato em que é produzida” (GIVÓN 1990, 1993 apud ANTONIO, 2004, p. 37). A par das considerações sobre as funções textual-discursivas dos autores acima citados, estão as de Thompson (1985), segundo as quais a adverbial de propósito anteposta tem a função de apresentar um problema e criar uma expectativa de solução.

Para Thompson, a adverbial de propósito anteposta fornece um quadro em que a porção núcleo pode ser interpretada, ao criar um conjunto de expectativas a partir da porção textual precedente e do conhecimento partilhado dos interlocutores, isto é, dentro desse conjunto de expectativas, cria-se não só um problema, como também uma expectativa de solução para esse problema. Uma vez apresentada a revisão geral dos princípios mais importantes do funcionalismo, de algumas das abordagens funcionalistas sobre o processo de articulação de orações, seguidos dos principais pressupostos da RST, dar-se-á início à revisão teórica sobre os gêneros do discurso, em especial, ao gênero Resposta Argumentativa.

GÊNEROS DO DISCURSO

Ao refletir sobre os gêneros discursivos, Bakhtin (2000) ressalta que o uso da língua se processa por enunciados orais e escritos, produzidos pelos integrantes de uma determinada esfera discursiva, isto é, para esse autor o enunciado reflete suas condições específicas e seus objetivos, pelo conteúdo, pelo seu estilo verbal, pelos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais e, especialmente, pela construção composicional. “Cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso o que denominamos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2000, p. 279).

Nessa perspectiva, segundo Bakhtin (2000), o uso da língua está ligado às diversas esferas discursivas da atividade humana, as quais determinam a produção de enunciados, sejam escritos ou orais, estabelecidos pelas condições específicas de produção e pelas finalidades de cada esfera discursiva; ou seja, de acordo com esse autor, as relações entre linguagem e sociedade são indissociáveis das diferentes esferas da atividade humana, entendidas como domínios discursivos (jurídico, religioso, educacional, jornalístico), que dialogam entre si e produzem, em cada esfera, formas relativamente estável de enunciados.

Ainda de acordo com Bakhtin (2000), os gêneros discursivos são histórica e socialmente construídos, uma vez que se relacionam diretamente às diferentes situações comunicativas que por sua vez, os determinam com características temáticas, composicionais e estilísticas. Segundo o autor,

[...] o enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada esfera, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, e, sobretudo, por sua construção composicional (BAKHTIN, 2000, p. 279).

Em se tratando dos elementos que constituem o gênero, convém salientar que o conteúdo temático não se refere ao assunto específico de um texto, mas à finalidade discursiva, um domínio de sentido de que se ocupa o gênero (orientação de sentido para o próprio discurso e os participantes durante o evento comunicativo). A construção composicional diz respeito ao modo de organizar o texto, de estruturá-lo e é responsável pelo acabamento da unidade de comunicação verbal, possibilitando ao interlocutor inferir a totalidade da estrutura do gênero, isto é, refere-se ao tipo de relação dos participantes da comunicação verbal (com o ouvinte, com o leitor, com o interlocutor, com o discurso do outro).

Já o estilo é uma seleção de meios linguísticos, ou seja, seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, em função da imagem do interlocutor e de como se presume sua compreensão responsiva ativa do enunciado. Entretanto, os estudos bakhtinianos priorizam o processo de produção dos gêneros do discurso ao defini-los (uma vez que aquele autor afirma que a constituição e o funcionamento do gênero se relacionam mais a uma situação social de interação). Como se observa, Bakhtin (2000) defende a importância tanto das propriedades formais da língua, quanto do papel do locutor no uso e na construção dos sentidos. Por esse viés, os gêneros do discurso podem ser compreendidos, de modo geral, como o uso particular do discurso em função das mais diversas situações de interação social e comunicativa.

O GÊNERO RESPOSTA ARGUMENTATIVA

O *corpus* deste trabalho é constituído por um material que abrange os gêneros textuais da ordem do argumentar. Nesse sentido, torna-se relevante conceituar o que vem a ser o gênero resposta argumentativa.

Sobre a estruturação do gênero textual e considerando a finalidade com que o gênero resposta argumentativa é frequentemente apresentado, convém destacar os estudos de Garcia

(1985), que apresentam uma valiosa contribuição sobre a construção de textos argumentativos. Para esse autor, o parágrafo é a unidade da composição, o que significa que sua organização é essencial para a estruturação do texto.

Garcia (1985) propõe que a organização de um texto seja constituída por um ou dois períodos curtos iniciais, o tópico frasal, que é a introdução da unidade de composição, a qual fornece o tema a ser desenvolvido; e o parágrafo-padrão apresenta a seguinte estrutura: a) introdução – também denominada tópico frasal, é constituída de uma ou duas frases curtas, que expressam, de maneira sintética, a ideia principal do parágrafo, definindo seu objetivo; b) desenvolvimento – corresponde a uma ampliação do tópico frasal, com apresentação de ideias secundárias que o fundamentam ou esclarecem; c) conclusão – nem sempre presente, especialmente nos parágrafos mais curtos e simples, a conclusão retoma a ideia central, levando em consideração os diversos aspectos selecionados no desenvolvimento.

Da relação entre a argumentação e os traços característicos do gênero resposta argumentativa, e desse gênero com a função textual-discursiva da hipotaxe adverbial, emerge a relação tanto com a forma, quanto com a função, haja vista que tanto a argumentação, quanto o gênero concebem a linguagem como um instrumento de interação social, investigando a maneira pela qual o falante usa a língua para atingir seus propósitos comunicativos.

Por esse viés, assim como considerou Santos (2012), ressaltamos que, para efeito de análise, tomaremos o tópico frasal como resposta à pergunta do comando das produções textuais que integram nosso corpus, visto que, segundo Garcia (1985), é nessa porção textual que a ideia principal do parágrafo deve ser apresentada, definindo o objetivo comunicativo do produtor do gênero.

Às considerações sobre os estudos do gênero textual, Decat (2008) propõe a relação entre forma e função. “As formas recorrentes num determinado gênero, ou em um grupo de gêneros, servem à caracterização do gênero, na medida em que elas são uma decorrência dos objetivos sociocomunicativos do próprio gênero.” (DECAT, 2008, p.170). Isto é, essa autora parte do princípio de que a forma é efeito da função.

Dessa maneira, perpassa por este trabalho a ideia de que os meios linguísticos são reflexos de sua função num determinado contexto comunicativo e, para tanto, reivindicaremos a relevância tanto das postulações funcionalistas aqui apresentadas, quanto dos estudos sobre a organização dos gêneros textuais para atingir os objetivos do presente estudo.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A CONSTITUIÇÃO DO CORPUS

O *corpus* deste trabalho é constituído por produções textuais do gênero Resposta Argumentativa que foram mais bem avaliados pela Banca de Avaliação de Redação do Vestibular de Verão de 2011 da Universidade Estadual de Maringá. Como proposta de produção de um dos gêneros exigidos pela prova de redação da Universidade Estadual de Maringá, os candidatos tiveram de elaborar uma resposta à seguinte pergunta: “Como morador(a) de república, redija, em até 15 linhas, uma resposta argumentativa à pergunta: “Morar em república é ou não uma experiência enriquecedora?”.

Primeiramente, fizemos um recorte constituído por cem produções textuais para esta pesquisa. Posteriormente, procedemos à quantificação das ocorrências das orações adverbiais e suas posições no texto a fim de observar a recorrência dessas orações no recorte, com o objetivo de analisar se as funções textual-discursivas das orações adverbiais podem contribuir para a construção da argumentatividade do gênero Resposta Argumentativa.

CRITÉRIOS UTILIZADOS PARA A ANÁLISE

A pesquisa foi desenvolvida atendendo aos seguintes critérios: o de cruzamento de fatores e o de quantificação dos dados. Os Fatores considerados para cruzamento na análise foram o Tipo de construção: orações com relação semântica de tempo, modo, causa /motivo, concessão, condição e finalidade. O primeiro fator de análise é o tipo de oração, ou seja, selecionaram-se as orações adverbiais na codificação dos exemplos das redações investigadas como relação semântica de tempo, modo, causa/motivo, concessão, condição, finalidade. 2) Função textual-discursiva: identificação da função textual-discursiva materializadas pelas

orações adverbiais. 3) Relações retóricas: identificação das relações retóricas sinalizadas pelas orações adverbiais.

A quantificação dos dados foi feita utilizando-se o programa Systemic Coder, versão 4.5, desenvolvido por Mick O’Donnel e disponível para download no site <http://www.wagsoft.com>. O programa facilita a codificação de dados, permitindo ao usuário criar uma rede sistêmica hierárquica de traços linguísticos. Após a segmentação dos dados, cada segmento é apresentado ao usuário, que seleciona na tela do computador os traços pertinentes àquele segmento. Ao final, os dados são apresentados estatisticamente, podendo ser cruzados ou exportados para outros programas estatísticos.

EXERCÍCIO DE ANÁLISE

A análise evidencia os resultados do cruzamento dos fatores tipo de construção e relação retórica. Segundo a RST, as relações que dizem respeito à apresentação, cujo efeito pretendido é aumentar a inclinação do enunciatário a aceitar, acreditar, concordar ou agir de acordo com o conteúdo do núcleo, são motivação, antítese, fundo, competência, evidência, justificativa, concessão, preparação. No decorrer da tabulação entre os fatores tipo de construção e relação retórica da RST que fazem parte da apresentação, identificamos que, do total de 115 ocorrências, 40 correspondem à relação de justificativa e 5 de Concessão. Dentre as ocorrências da relação de justificativa representadas pelas construções hipotáticas de causa, vejamos os exemplos que seguem.

- (1) “Há também uma troca de culturas e valores, uma vez que esse estudante se relaciona com outros constantemente.” (Grifo nosso).
- (2) “Morar em uma república é uma experiência enriquecedora já que proporciona ao estudante uma oportunidade de crescer e se desenvolver, social e psicologicamente.” (Grifo nosso).
- (3) “Morar em república é uma experiência enriquecedora, porque deixamos de lado o nosso individualismo e aprendemos a conviver e respeitar o próximo.” (Grifo nosso).
- (4) “Morar em república é uma experiência extremamente enriquecedora, pois me deu oportunidade de sair da minha zona de conforto.” (Grifo nosso).

Na relação de justificativa, o produtor/falante do texto tem como intenção aumentar a tendência de o leitor aceitar o que foi exposto no núcleo (MANN e TABOADA, 2010). Nesse sentido, podemos comprovar a atuação dessa relação por meio dos exemplos de (1) a (4) materializados pelas orações causais, uma vez que o produtor do gênero assumiu um ponto de vista e justificou o porquê de ter assumido esse posicionamento. Considerando a linguagem como algo que se processa em função de necessidades e de intenções do falante e o fato de que o produtor do texto (candidato) tem na porção satélite o momento de persuadir o leitor (banca de avaliação das redações) e de levá-los a uma ação por meio do seu discurso, acreditamos, portanto, que a relação de justificativa funciona como mecanismo relevante e eficaz, que reflete a estratégia discursiva do candidato e fundamenta seus argumentos.

As relações retóricas estabelecidas entre as construções concessivas são a de Concessão da RST, uma vez que para essa teoria existe uma relação de tese-antítese a qual pode contribuir para a argumentação do discurso na relação entre o núcleo e o satélite, como é o caso dos exemplos em (1) e (2).

- (1) Apesar do receio de sair de casa e morar com outras pessoas, a convivência em uma república garante um imenso aprendizado para a vida. (Grifo nosso).
- (2) Apesar de nada fácil, a vida em república foi um aprendizado que tive, e que continuo tendo, o qual será muito importante para toda a vida. (Grifo nosso).

Segundo a RST o produtor do texto antecipa um contra-argumento, favorecendo o seu discurso de maneira argumentativa. Por exemplo, os candidatos afirmam que morar em república pode ser uma experiência enriquecedora, “apesar do receio de sair de casa” como em (1) e de “Apesar de não ser nada fácil” na ocorrência em (2), pois a natureza dessa relação representa uma quebra de expectativa. Segundo Mann e Thompson (1988), a Concessão fornece uma atitude positiva do leitor em relação ao núcleo; entretanto o núcleo não se realiza, isto é, trata-se de uma relação que evidencia uma estratégia argumentativa, já que o produtor do texto, no caso, o vestibulando, precisa fazer que o leitor acredite no conteúdo expresso na porção nuclear.

Outras relações da RST que tabulamos ao cruzar os fatores tipo de construção e relação retórica são as que se referem ao assunto, cujo efeito pretendido é o de fazer com que o leitor

reconheça a relação em questão: elaboração, circunstância, solução, causa, resultado, propósito, condição, interpretação, meio, avaliação, reformulação, resumo, sequência e contraste. Dentre essas relações, tabulamos as relações de Solução, Circunstância e Condição da RST. No decorrer da tabulação dos exemplos, dentre as relações que se referem ao assunto, encontramos quatro ocorrências da relação de Solução, em que, segundo Mann e Thompson (1988, p. 272), a porção do satélite apresenta um problema que terá solução na porção nuclear. No caso dos exemplos encontrados da relação de Solução, o produtor do texto, candidato, por meio do satélite de solução, aponta o problema de se morar em uma república e, em seguida, aponta uma solução. Os exemplos em (1) e (2) ilustram essa relação:

- (1) “Em nossa república para manter uma ordem fizemos tabelas as quais contém as despesas e como vamos dividi-las, escalas de limpeza e até mesmo quem fica responsável pela comida. Em nossa república para manter uma ordem fizemos tabelas as quais contém as despesas e como vamos dividi-las, escalas de limpeza e até mesmo quem fica responsável pela comida.” (Grifo nosso).
- (2) “Para sobrar dinheiro para festas, por exemplo é preciso economizar no supermercado ou gastos fúteis em shopping centers. Esse tipo de controle será aplicado futuramente em nossos salários quando ingressarmos no mercado de trabalho.” (Grifo nosso).

Outra relação da RST que corresponde ao assunto é a de Circunstância, encontrada na análise das construções temporais. Do total de 115 relações, 51 foram estabelecidas pelas relações de Circunstância, que incidem sobre o assunto e têm por finalidade fazer que o leitor reconheça as relações estabelecidas entre as porções núcleo e satélite. A relação de Circunstância caracteriza-se pelo fato de o leitor reconhecer que o satélite fornece o contexto ou situação para que o núcleo seja interpretado, isto é, a porção do satélite corresponde à construção adverbial temporal, uma vez que essa porção pode fornecer e ou marcar um evento/uma circunstância. A atuação da porção satélite pode ser materializada ao evidenciar uma circunstância/evento por meio da construção ‘ao + verbo no infinitivo’. A esse respeito, vejamos os exemplos de (1) a (4):

- (1) “Ao sair da casa dos pais o estudante adquire responsabilidades – como a de pagar contas – e aprende a dar seus passos sozinhos.” (Grifo nosso).

- (2) “Ao decidir morar em uma república, o estudante, quase sempre um jovem, se depara com desafios na maioria das vezes inéditos para ele.” (Grifo nosso).
- (3) “Ao ingressarmos em república, as responsabilidades caem de uma maneira brusca em nossos ombros.” (Grifo nosso).
- (4) “Ao sairmos de nossa cidade pequena, onde vivemos uma vida mais calma, menos agitada, estanhamos um pouco.” (Grifo nosso).

A seguir, expomos as ocorrências da relação de Condição da RST, da qual encontramos na pesquisa 13 ocorrências representadas pela hipotaxe adverbial de condição. Os exemplos de (1) a (3) ilustram essa relação.

- (1) “Se você não lava a sua roupa, conseqüentemente não vai ter o que vestir.” (Grifo nosso).
- (2) “Se estivéssemos morando sozinho ou com os pais as coisas talvez fossem mais fáceis.” (Grifo nosso).
- (3) Seu tivesse passado a vida inteira na casa dos meus pais eu não saberia dessas coisas, pois lá não tinha que me preocupar.” (Grifo nosso).

Na relação de Condição da RST, a realização da porção nuclear depende da realização da porção do satélite. Assim, as afirmações contidas nas porções nucleares dos exemplos de (1) a (3) só se realizarão se se realizarem também as porções contidas nos satélites. Para comprovar tal afirmação, tomemos como exemplo a ocorrência em (1) “Se você não lava a sua roupa, conseqüentemente não vai ter o que vestir.” Com base nesse exemplo, pode-se entender que a porção – ‘não vai ter o que vestir, se realizará se não se realizar a porção do satélite ‘se você não lava a roupa’.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Este trabalho analisou, à luz do funcionalismo, as Funções Textual - Discursivas- como função tópica, foco, antecipação de contra-argumento, adendo, função de apontar problema e criar expectativa de solução, função de ponte de transição, moldura e função de guia para o leitor-que estão na base das orações hipotáticas adverbiais de condição, causa, concessão, propósito e temporal como recurso argumentativo do gênero Resposta Argumentativa. Para

tanto, realizou-se, passo a passo, cada um dos procedimentos previamente apresentados (cf. introdução).

Sobre o cruzamento dos fatores tipo de construção e relação retórica, merecem destaque as relações de circunstância e de justificativa. A relação de circunstância, ao ser analisada, revelou-se eficaz na função de apresentar uma contextualização capaz de proporcionar uma melhor compreensão do conteúdo veiculado pela porção nuclear com a qual estabelece relação. As ocorrências das relações de justificativa contribuíram na organização textual, além de favorecerem a argumentatividade do produtor do texto, visto que essas relações acrescentaram informações relevantes ao núcleo com o qual se relacionaram, além de se constituírem como mecanismo de grande poder argumentativo, o qual é capaz de apresentar ao interlocutor uma informação de destaque na sentença elaborada a partir da estratégia de focalização e, conseqüentemente, aprimorar a argumentação central aos propósitos do produtor do texto.

Ao término desta pesquisa, por meio dos resultados obtidos a partir do cruzamento dos fatores Função textual-discursiva e Relações retóricas, atingiu-se o objetivo inicial de identificar as Funções Textual-Discursivas desempenhadas pelas orações adverbiais e investigar se essas funções materializadas pelas orações hipotáticas adverbiais, ao se estabelecerem entre as porções textuais, poderiam constitui-se como recurso argumentativo para o gênero Resposta Argumentativa, uma vez que as orações adverbiais são opções organizacionais, cujo uso depende dos objetivos comunicativos do produtor do discurso. Nesse sentido, constatamos que é a partir das intenções comunicativas do falante que serão determinadas as funções textual-discursivas da hipotaxe adverbial.

REFERÊNCIAS

ANTONIO, Juliano. Desiderato. O texto como objeto de estudo na linguística funcional. In: ANTONIO, Juliano Desiderato; NAVARRO, Pedro. (Org.). **O texto como objeto de ensino de descrição linguística e de análise textual e discursiva**. Maringá: EDUEM, 2009.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

BUTLER, C. Functional approaches to language. In: BUTLER, C.; GÓMEZGONZÁLEZ, M.L.A. and DOVAL-SUÁREZ, S.M. (eds) **The Dynamics of Language Use: Functional and Contrastive Perspectives**. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 2005, p. 3-17.

CHAFE, W. L. How People Use Adverbial Clauses. In: **Proceedings of the Tenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society**, pp. 437-449. Disponível em <http://linguistics.berkeley.edu/bls/>, 1984.

CUNHA, Celso. **Gramática do português contemporânea**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1972.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. Uma abordagem funcionalista da hipotaxe adverbial em português. Revista **SériEncontros** (Descrição do português: abordagens funcionalistas), Araraquara, SP, Unesp, ano XVI, n. 1., p. 299-318, 1999.

_____. A Relevância da investigação dos processos linguísticos, numa abordagem funcionalista, para os estudos sobre os gêneros textuais. In: ANTONIO, J. D. (Org.). **Estudos descritivos do português: história, uso e variação**. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

_____. A hipotaxe adverbial em português: materializações e funções textual-discursivas. In: **SIMPOSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LINGUA PORTUGUESA (II SIMELP), II, Évora, 2009**. Anais... Évora, 2009, p. 113-121.

_____. Relações retóricas e funções textual-discursivas na articulação de orações no português brasileiro em uso. Revista **Calidoscópio**, Rio Grande do Sul, Unisinos, vol. 8, n. 3, p. 167-173, 2010.

GARCIA, O. M. **Comunicação em prosa moderna**. Rio de Janeiro: FGV, 1985.

HOPPER, P. & TRAUGOTT, E. C. **Gramaticalization**. Cambridge: University Press, 1993.

MANN W. C.; THOMPSON. S. A. **Relational proposition in discourse**. California: University of Southern, 1983.

_____. **Rhetorical Structure Theory: toward a functional theory of text organization**. Text – Interdisciplinary Journal for the Study of Discourse, v. 8., n. 3, p. 243-281, 1988.

_____. Rhetorical Structure Theory and text analysis. In: MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. (eds.) **Discourse description: diverse linguistic analyses of a fund-raising text**. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1992, p. 39-77.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Manual de linguística**. (Org.). 1. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

MATTHIESSEN, C.; & THOMPSON. S.A. The structure of discourse and 'subordination'. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, .S. A. **Clause combining in Grammar and Discourse**. Amsterdam: John Benjamins, 1988, p. 275-329.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

_____. **Texto e gramática**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010. Reimpressão.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 15. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

SANTOS, J. A. **As relações retóricas no gênero resposta argumentativa**: um estudo da superestrutura do gênero e da expressão linguística das relações. 119 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Maringá - PR. Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado), Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2012.

THOMPSON, S. **Grammar and written discourse: initial vs. final purpose clause in English**. Text – Interdisciplinary Journal for the Study of Discourse, v. 5. p. 55-84, 1985.

Fátima Christina CALICCHIO

Mestra em Letras na área de Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Maringá (2014). Especialista em Língua Portuguesa: Teoria e Prática pelo Instituto Paranaense de Ensino e Faculdades Maringá (2010). Graduada em Letras Português/Inglês pela Universidade Estadual de Maringá (2009). Professora mediadora do curso de Letras EAD da Instituição Unicesumar. Interessa-se em estudos linguísticos sob a perspectiva funcionalista.

Recebido em abril/2016 - Aceito em abril/2017